

A ESPERANÇA DE UMA NOVA CRIAÇÃO

Rev. Dra. Ivelisse Valentin-Vera

Universidade Interamericana de Porto Rico

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.²⁰ Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou,²¹ na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. (Rm 8:19-21)

Falar da esperança de uma nova criação é estar disposto a quebrar paradigmas, avançar para o futuro, ao mesmo tempo em que se move para o princípio, o gênesis, sem fingir a volta a fundamentalismos. Falar de uma nova criação é reconhecer que há algo rompido que precisa ser restaurado. Ainda mais desafiador é pensar que essa restauração pode ocorrer a partir da esperança, e não de ações humanas concretas, se definirmos a esperança como uma mera expectativa de resultados favoráveis em circunstâncias complexas ou imprecisas.

Para os cristãos, a esperança de uma nova criação é uma peregrinação da eternidade de Deus até a eternidade da humanidade caída. Os gritos e lamentos de homens e mulheres caídos movem o ventre materno que lhes deu vida para trazer da eternidade o novo Adão, Jesus Cristo. Ele vem para redimir da queda os filhos de Deus. Eles são sujeitos à esperança, aguardando o retorno à eternidade. Há crescimento e maturidade nessa jornada de volta à eternidade, e tanto Deus quanto a humanidade devem assumir uma nova imagem. Deus, em Cristo, recebe as cicatrizes do nosso sofrimento, e nós recebemos de Cristo a reconciliação, para podermos nos apresentar santos, imaculados perante o Pai. (Colossenses 1)

Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.

Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos. 1Coríntios 15:22, 28

Fé e promessa

A fé primordial do povo de Deus no Egito levou-o em direção a uma liberação temporária. Deus se fez presente para caminhar com os hebreus em sua peregrinação em direção à libertação da escravidão humana. Deus os acompanhou e os guiou, na forma de uma nuvem e de um pilar de fogo, em direção à utopia de uma promessa. Ninguém sabia aonde eles estavam indo ou o que encontrariam. Foi a falta de informação que os fez hesitar e recuar em várias ocasiões.

Entretanto, a fé cristã não é a mesma fé do povo hebreu que saiu do Egito. A fé cristã não é mais uma força que impulsiona a humanidade para longe dos sofrimentos desse mundo, aguardando um milagre de Deus em meio ao desconhecido. Não é a fé do *Deus ex machina*, que aparece na literatura ou na mitologia para alterar o curso das coisas de maneira sobrenatural, assim como aconteceu com o povo no Egito. A fé cristã é a esperança do que já foi pronunciado na ressurreição. *Deus* não aparece mais de repente para resolver um problema temporário, muito menos com uma promessa. Por meio da confirmação de Jesus na ressurreição, *Deus* pronunciou a transformação da sua criação conforme a plenitude da vida com ele e nele, conforme preconizada no Gênesis.

A fé cristã é o poder dado pelo Espírito, que agora lidera a história da humanidade, desde a plenitude do Filho ressurreto até que a humanidade alcance a mesma plenitude. Não somos mais o povo que andou pelo deserto, em direção a uma promessa. Agora, somos o povo movido

por esperança no poder do Espírito. Somos o povo que viu, ouviu e tocou o que estava no início e apareceu diante dos nossos olhos. (1Jo 1:1-3)

Herdamos a fé de Tomé, João, Pedro, Paulo e das mulheres. Eles viram, ouviram e tocaram. Eles viveram a experiência da plenitude, por meio do encontro com o Senhor ressurreto. Hoje, sabemos o que nos move e aonde está nos levando, pois o prenúncio do que esperamos foi visto e ouvido pelos apóstolos. Essa experiência foi e ainda é a força viva que acompanha as palavras deles: “... *pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos*”. (At 4:20)

Da fé à esperança

Jurgen Moltmann diz que “a esperança cristã surge de uma fé que nos ensina a descobrir em Cristo o prenúncio do *novum* (o novo, a novidade) da redenção e a liberdade destinada ao mundo não redimido. Assim, a diretriz da sua ação é sempre a ideia da recriação de todas as coisas”.¹

Portanto, a esperança cristã caminha em direção ao que *não foi alcançado*, mas *já foi* renunciado. É o mistério do *agora*, mas *ainda não* do Reino, discutido por teólogos como Juan Stam e Oscar Cullmann, entre outros.²

O Cristo ressurreto causou uma disrupção no nosso conceito linear de tempo. Por meio da ressurreição de Jesus, o futuro se encontra com o nosso presente e, portanto, nos leva a ele. A plenitude alcançada por meio da ressurreição nos leva de volta ao início de todas as coisas. A

¹ Moltmann, *Esperanza y planificación del futuro: perspectivas teológicas* (Salamanca: Sígueme, 1971), 426.

² Juan Stam, Protestante Digital, *El “ya” y el “todavía no” del reino*, 2017.
https://protestantedigital.com/print/37798/El_ya_y_el_todavia_no_del_Reino

nova criação é o reflexo do primeiro homem e da primeira mulher, mas agora ela porta as cicatrizes de dor e sofrimento impostas à humanidade de Deus.³

A nova criação, prenunciada por meio do Senhor ressurreto, carrega as marcas do sofrimento humano, como um lembrete permanente à humanidade sobre o compromisso divino com a nossa salvação. A ressurreição não apaga as feridas infligidas a Jesus. Por Sua própria vontade, Deus deixa as marcas da sua dor tatuadas em si mesmo. Ele as porta como as cicatrizes de amor, exibidas a Tomé para transformar nossa incredulidade em fé. (Jo 20:27-28)

Jesus, parábola da nossa jornada

*Cristo é a nossa esperança porque Cristo é o nosso futuro.*⁴

A condição atual da humanidade precisa de uma alternativa radical para a sua restauração. A esperança que vem da expectativa de uma criação ser redimida, por meio da passagem da ressurreição de Cristo a toda a humanidade, é um ato radical de Deus para salvar a Sua criação. A esperança cristã é radical.

A vida, a obra e a ressurreição de Jesus não formam a biografia de um herói, nem é um tratado cristológico que estabelece as fundações do cristianismo. Jesus personifica o ser humano derrotado face à injustiça, solidário para com os nossos sofrimentos e justificado por Deus. Nas palavras de Richard Rohr, “o Jesus crucificado e ressurreto é uma parábola sobre a jornada de todos os seres humanos, e até do universo”.⁵

³ Theologians José María Castillo and Jurgen Moltmann can be consulted to expand on the concept of the humanity of God.

⁴ Moltmann, *Experiences of God* (Minneapolis: Fortress Press, 2007), Kindle 380.

⁵ Richard Rohr *The Universal Christ* (New York: Convergent Books, 2021), 114 We can also find this concept explained extensively by John Dominic Crossan in *The Power of Parable*.

A nossa jornada, incluindo as quedas e os sofrimentos, começa na imaginação criativa de Deus, antes mesmo da criação. Nós surgimos da eternidade dele, mas ele também quer que retornemos a ela.⁶ Quando vemos Jesus como uma parábola da jornada da nossa vida, encontramos um novo significado na ressurreição. Portanto, não vemos o fim da vida como uma consequência do pecado e da injustiça, mas passamos a ver Jesus como o nosso destino final.

Escatologia e esperança

A expectativa da vinda de Cristo certamente não pode ser um sonho de vingança por parte das pessoas que foram maltratadas neste mundo (“o dia da vingança chegará!”). Também não pode ser um sonho de poder por parte dos impotentes (“então, seremos os dominadores, e os nossos inimigos serão destruídos”). Finalmente, também não pode ser uma compensação para os desapontados (“as coisas serão melhores no céu”). A expectativa e a súplica pelo futuro de Cristo não é nenhuma dessas coisas. Ela é a conclusão da esperança que nasceu com a ressurreição de Cristo. O Cristo ressurreto “deve reinar”.⁷

Para a tradição evangélica, a esperança é escatológica; o futuro nos leva a ela. A restauração do relacionamento de *shalom* e harmonia da criação com seu Criador está inseparavelmente ligada ao retorno daquele que veio e ressuscitou, e cuja volta esperamos: o Ressurreto, o Cristo.

Como Moltmann às vezes destaca, essa esperança tem sido distorcida pela transformação de textos apocalípticos em profecias de terror, vingança e julgamento. Entretanto, a esperança de uma nova criação que anda lado a lado com as narrativas apocalípticas baseia-se na ressurreição. Para o cristianismo, não há *parousia* sem ressurreição.

⁶ Psalm 139:13, 16, Jeremiah 1:5

⁷ Moltmann. 2007. Kindle 392-395.

A esperança escatológica é celebração, alegria e otimismo, pois é baseada em restauração, e não em destruição. Aquele que retorna para restaurar sua imagem em todas as coisas é o que já veio. Aquele que veio transformou os paradigmas de julgamento, retribuição e punição em amor, misericórdia, perdão e salvação. Com a criação, esperamos a manifestação dAquele que retornará. Ele é a encarnação de tudo que é bom, e é o mesmo que virá novamente.

Transformação do presente

“Em sua integralidade, e não só em um apêndice, o cristianismo é escatológico; ele é esperança, um olhar e uma orientação para a frente e também, por esse mesmo motivo, uma abertura e transformação do presente”.⁸ Ter esperança é crer em Deus como o poder do Espírito ativo no presente, assim como no futuro final de todas as coisas. Crer em Deus como o futuro escatológico não é acreditar na destruição da criação, mas na total realização da criação, até que Deus — conforme prenuncia o apóstolo Paulo — *seja tudo em todos* (1Co 15:28).

Paulo também vê a transformação final em andamento e prenunciada no presente por meio da obra do Espírito, tanto em cada crente quanto em toda a igreja. N. T. Wright diz: “A ideia paulina da criação restaurada — a maneira pela qual a ressurreição de Cristo é desenvolvida, por meio do Espírito, na *presente* renovação da criação, genuinamente antecipando a renovação *final* que ainda está por vir”.⁹

A igreja, como uma comunidade de esperança, junto com Cristo, também é uma antecipação dessa nova criação. Portanto, os valores do Reino são vividos no âmbito da igreja: igualdade, compaixão, justiça, amor e paz. Quando a igreja não manifesta esses valores, ela

⁸ Moltmann quoted in José María Mardones, *El País: Moltmann: Teología de la Esperanza*. 1986. https://elpais.com/diario/1986/11/28/sociedad/533516404_850215.html.

⁹ NT Wright. <https://www.ntwrightonline.org/beginning-to-think-about-the-new-creation/>

suprime o poder do Espírito e se torna um anestésico para nos ajudar a resistir às mazelas sociais. Nesse caso, não age como uma força transformadora na cultura.

A igreja não pode perder o seu papel profético na sociedade. Embora a igreja denuncie as injustiças, ela também anuncia a salvação. A igreja deve condenar estruturas opressoras, de onde quer que venham, e, ao mesmo tempo, anunciar a possibilidade de transformação. O cristianismo prega essa transformação como uma obra do Espírito, mediada na terra pela igreja, o Corpo Místico de Cristo. Se esse é o caso, então o silêncio da igreja é pecaminoso, porque representa o silêncio de Deus.

Os que creem na redenção proposta pela ressurreição de Jesus vivem da esperança que os leva a manifestar sua própria energia vital em uma nova abertura em direção ao futuro. Portanto, a esperança cristã é um poder transformador que nos deixa confortáveis e nos impulsiona a caminhar em direção a uma mudança de tudo o que existe, e dela participar.¹⁰

Essa esperança é o poder do Senhor ressurreto, que impele o ser interior de homens e mulheres cristãos a transformar o presente. Ela é também um ultraje para as forças de crucifixão deste século. Visto que nascida da cruz, a esperança cristã emerge das profundezas da maldade humana. E, ali, a esperança foi completamente manifesta quando Jesus deu um passo de fé nas mãos do Pai. Da cruz, o mal e o sofrimento são vividos em relação ao futuro final, a ressurreição: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”. (Rm 8:18)

¹⁰ To better understand this concept, see: Wolfhart Pannenberg, *La teologia e il Regno di Dio* (Roma-Brescia: Herder-Morcelliana, 1971), 144.

A esperança de uma Nova Criação

*O mundo não é um “caso perdido”. Ele não está em completa escuridão. O mundo está direcionado para a salvação.*¹¹

Na esperança da Nova Criação, essa orientação em direção à salvação ocorre em uma dialética de ascensão e retorno, ao mesmo tempo. É na descida e *kenosis* do Filho e em sua subsequente ascensão na ressurreição que o ser humano pode ser elevado ao tempo da criação. No entanto, essa elevação do ser criado não é uma ascensão, mas sim um retorno à imagem original que vem a existir por meio de “arrependimento, contrição e abandono do velho caminho do pecado”. Karl Barth ensina que “tudo o que foi cumprido nisso abre uma perspectiva e agora pode ser alcançado pelo ser humano: não no sentido de que algo ainda esteja faltando, mas no sentido de que agora tudo é possível”.¹²

Na escatologia presente, ou realizada, de Lucas, Jesus vive os valores do Reino por antecipação. Agora é possível que samaritanos, romanos, gregos, homens, mulheres, livres, escravos, eunucos e gentios, pobres, doentes, prostitutas, adúlteros e ladrões se tornem os principais personagens dessa nova criação.¹³

Outro vislumbre do que é possível na nova criação encontra-se no Pentecostes. Se olharmos para essa narrativa como uma parábola do Reino, usando o critério de Crossan em *The*

¹¹ J.A. Pagola *Seguir la Estrella*, Religión Digita 2022
https://www.religiondigital.org/buenas_noticias/Seguir-estrella_7_2410928889.html.

¹² Sergio Rostagno, *Teólogos del Siglo XX: Karl Barth* (Espanña: Editorial San Pablo, 2006), 77.

¹³ Luke 4:18, 21; 17:20-21 Once, on being asked by the Pharisees when the kingdom of God would come, Jesus replied, “The coming of the kingdom of God is not something that can be observed, nor will people say, ‘Here it is,’ or ‘There it is,’ because the kingdom of God is in your midst.”

Power of Parable [O poder da parábola], perceberemos como o Espírito prenuncia a inclusão radical do Reino de Deus pregado por Jesus. No Pentecostes, o Espírito provoca essa inclusão radical que caracteriza o Reino de Deus, respeitando cada idioma, gênero, raça e nacionalidade. É o Espírito que faz com que seja possível que todos se entendam, reforçando, assim, sua diversidade. Naquele dia:

“... partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (At 2:9-11)

Nessa diversidade, é construído o mosaico do Reino, em que cada peça é uma parte inseparável da Imagem de Deus que será projetada em todos e em todas as coisas no dia da manifestação final dos filhos de Deus. (Rm 8:19-21; 1Co 15:28, At 17:28)

A esperança de uma nova criação é coletiva e inter-relacional. Ela é feita para todos, “... porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.¹⁴

A Nova criação é uma redenção coletiva de inclusão radical, em meio a um mundo globalizado que nos desafia a buscar a face de Deus como um mosaico feito de peças grandemente diversas. Viver na esperança de uma Nova Criação é começar a derrubar as barreiras da segregação no *aqui e agora* do Reino.

¹⁴ Gal 3:27-28

Santidade e Nova Criação

“Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar,[a] seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro. (1Jo 3:2-3)

A nossa santidade é alcançada na esperança de que veremos Jesus na manifestação da sua glória, no dia da sua volta.

Essa santidade, como os textos joaninos deixam implícito, tem uma relação intrínseca com o novo nascimento. Para o escritor da epístola, as expressões “filho de Deus” (vv. 1-2) e “nascer de novo” (v. 2:29) “significam ser um novo homem, chamado para andar em novidade de vida, imitando o Pai em uma progressiva assimilação e comunhão com 3le”;¹⁵ assim como para o evangelista João, para quem a vida no Reino depende desse novo nascimento. (Jo 3:3-5)

Portanto, o Reino de Deus continua nos impressionando com paradoxos que não respondem à nossa compreensão linear do tempo. No Reino de Deus, você pode nascer de novo sendo velho, e também pode mudar a história. Essa mudança que Jesus propõe tem de ser vivida no mistério da fé, na dimensão do mistério e da misericórdia divina. Esse renascimento ocorre no coração de Deus, rodeado de perdão e amor.

É o Espírito que traz vida à criação. O *ruah* de Deus tem o poder de transformar em uma nova vida e em uma nova oportunidade o que já existe. Paulo diz claramente: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”. (Rm 6:4)

¹⁵ Lectio divina para cada día del año 2 *Tiempo de Navidad* (Espanña: Editorial Verbo Divino. 2000), 133-134.

O batismo na água e no Espírito apaga os nossos pecados. Ele nos transforma por meio da esperança de que só se pode nascer de novo por meio do encontro com o Senhor ressurreto. Esse encontro nos permite crer ser possível o que julgávamos impossível; ele nos permite encontrar vida onde havia morte, ver futuro onde achávamos que tudo havia acabado. “Tudo pode ser melhorado e transformado, se for direcionado ao futuro prometido na ressurreição. A história não acabou. Mudança, transformação, a luta por uma humanização mais completa é sempre possível.”¹⁶

Hoje, podemos dizer com confiança: “*Gostaria que nascêssemos de novo...*”, e podemos fazer planos para essa nova vida, porque, na ressurreição de Jesus, Deus faz de todos nós uma nova criação.

Referências

- Crossan, John D. *The Power of Parable*. USA: Harper One. 2021.
- Gibellini, Rosino. *La teología del siglo XX*. Bilbao: Sal Terrae. 1998. 298-319.
- Lectio divina para cada día del año: *2 Tiempo de Navidad*. España: Editorial Verbo Divino. 2000.
- Pagola, J.A. *Cristo resucitado es nuestra esperanza*. Madrid: Editorial PPC. 2016.
- _____. *Es bueno creer en Jesús*. España: Editorial San Pablo. 2012.
- _____. *Seguir la Estrella*. Religión Digital. 2022.
- https://www.religiondigital.org/buenas_noticias/Seguir-estrella_7_2410928889.html
- Pannenberg, Wolfhart. *La teología e il Regno di Dio*. Roma-Brescia: Herder-Morcelliana, 1971.
- Mardones, José María. El País. *Moltmann: Teología de la Esperanza*. 1986.
- https://elpais.com/diario/1986/11/28/sociedad/533516404_850215.html
- Miller, L. and Stanley J. Grenz, Ed. *Fortress introduction to Contemporary Theologies* (Minneapolis: Fortress Press, 1998).

¹⁶ Pagola. 2012. 106.

- Moltmann, Jürgen. *Cristo Resucitado es nuestra esperanza*. Espana: Editorial PPC. 2016
- _____. *Esperanza y planificación del futuro: perspectivas teológicas*. Salamanca: Sígueme, 1971.
- _____. *Experiences of God*. Minneapolis: Fortress Press. 2007.
- Rohr, Richard. *The Universal Christ*. New York: Convergent Books. 2021.
- Rostagno, Sergio. *Teólogos del Siglo XX: Karl Barth*. España: Editorial San Pablo. 2006.
- Stam, Juan. *Protestante Digital. El “ya” y el “todavía no” del reino*. 2017.
https://protestantedigital.com/print/37798/El_ya_y_el_todavia_no_del_Reino.
- Wright, N. T. . *Beginning to think about new creation*.
<https://www.ntwrightonline.org/beginning-to-think-about-the-new-creation/>